

**PRIMEIRAS NOTÍCIAS SOBRE A DESCOBERTA
DOS VESTÍGIOS DO PROVÁVEL ASSENTAMENTO DO TAMBO
DAS MINAS DE FERRO NA ANTIGA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ**

**Oldemar Blasi
José La Pastina Filho
Almir Pontes Filho***

A presente comunicação diz respeito às primeiras informações sobre a descoberta dos vestígios de antigo assentamento urbano, situados no município de Nova Cantú, Alto Rio Piquiri, Estado do Paraná (52°30'WG — 24°40'S), entre maio e setembro do ano em curso.

Com realização das III Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas,** ofereceu-se a oportunidade para a apresentação destas notícias, em face das implicações que esta descoberta tem com os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos na antiga Província do Guairá, os quais serão debatidos nestas jornadas, em especial com referência ao fato de que, neste local, reduziu-se o ferro, bem como, confeccionaram-se lâminas de machado, cunhas e outros objetos, conforme atestam documentos coevos. Tais instrumentos foram de inegável importância no processo da conquista, povoamento e conversão das populações indígenas que habitavam o Guairá.

a) Na história da conquista e povoamento da América do Sul, por portugueses e espanhóis, um capítulo especial deve ser sempre dedicado aos acontecimentos ocorridos na Província do Guairá, durante o século XVI e início do XVII. Nesta vasta região, hoje correspondente à expressiva porção territorial do Estado do Paraná, Brasil, ocorreram inúmeros e importantes eventos que, se não tivessem seqüência por terem sido abortados em diferentes fases de seu desenrolar, pelo menos deixaram nítidas marcas, as quais, posteriormente, foram determinantes na definitiva conformação geopolítica da porção meridional da América do Sul. Entre estes eventos, estão as tentativas de urbanização da região, através da fundação de vilas e núcleos de conversão ou redução dos índios, encetadas por espanhóis e religiosos da Companhia de Jesus e a violenta e incisiva reação dos portugueses a estes propósitos. Esta reação provocou total abandono da região por parte de espanhóis e inicianos, ocasionando também o deslocamento de grande número de índios para fora

do Guairá, ficando assim, este vasto território, praticamente abandonado a partir de 1632.

b) Remanescentes de alguns desses núcleos têm sido localizados, tais como Cidade Real do Guairá,¹ na foz do rio Piquiri no Paraná; Vila Rica do Espírito Santo,² na foz do rio Corumbataí no Ivaí e das Reduções de Nossa Senhora de Loreto, na foz do rio Pirapó no Paranapanema, e de Santo Inácio Mini, na foz do Rio Santo Inácio, também no Paranapanema.³ Outros assentamentos, devido a inúmeros fatores, particularmente em consequência da expansão das fronteiras agrícolas, não puderam até agora ser localizados. Embora, desde 1970, já houvesse suspeita por parte do arqueólogo Igor Chmyz sobre a possível localização do Tambo,⁴ no município de Campina da Lagoa, Alto Rio Piquiri, os seus remanescentes somente agora podem ter sido localizados. Esta descoberta deve-se à denúncias feitas por moradores do vizinho município de Nova Cantú, as quais foram levadas ao conhecimento do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Paraná.⁵ Como consequência, pesquisas foram efetuadas no local, das quais resultou ponderável volume de informações sobre a estrutura urbanística do sítio, bem como sobre a cultura material de seus antigos moradores, com ênfase para as amostras de escória de ferro; restos de fornos, além de outros indícios. Os vestígios que permitiram o levantamento da planta do que se supõe ter sido o Tambo das Minas de Ferro, estão localizados no que resta da mata que ocupava toda área do assentamento. Constituem estes vestígios um conjunto de pequenas elevações lineares, de aproximadamente 0,80m de altura por 2,50m de largura, dispostas ortogonalmente, caracterizando quadras e ruas. Estes alinhamentos, são resultantes do aluimento dos muros de taipa de pilão que delimitavam as quadras. Além destes remanescentes, prospecções efetivadas no entorno permitiram avaliar a área urbana do sítio em aproximadamente 200.000m². Quanto aos indícios da cultura material, obtidos através de coleta de superfície, houve a ocorrência de cacos de cerâmica de procedência indígena além daquelas de influência ocidental, como fragmentos de vasilhas de fundo plano, alças, etc. Alguns destes cacos mostram pinturas extremamente semelhantes àquelas encontradas em fragmentos na segunda Vila Rica e Cidade Real. Contudo, o que mais caracterizou o sítio foram os numerosos pontos de concentração de escória de ferro, circundados por evidentes sinais de solo calcinado, configurando pequenos fornos.

c) Entre 1541 e 1542 o Adelantado Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, cruzou a região do Guairá,⁶ utilizando-se de alguns trechos do caminho indígena denominado Peabiru. Este caminho, posteriormente, foi intensamente trilhado por espanhóis e portugueses. Uma das consequências deste trânsito, foi o reconhecimento da região e das populações indígenas ali existentes. Os espa-

nhóis muito se aproveitaram dessas informações para a implantação de uma rede de núcleos urbanos visando não apenas a posse da região, mas também o estabelecimento de uma via de comunicação mais rápida com a Península Ibérica. Efetivamente, foram fundadas as Vilas de Ontiveros (1554), Cidade Real (1557) e a Vila Rica do Espírito Santo. Esta foi fundada por Ruí Diáz Melgarejo em 1570, entre as nascentes do Piquiri e Ivaí, em terras do cacique Coaraciverá, no tronco principal do Peabirú, na rota para o Porto de São Francisco no atual estado de Santa Catarina, ponto inicial da expedição terrestre de Cabeza de Vaca.⁷ A primeira Vila Rica permaneceu em seu sítio original até 1589 quando foi trasladada por Ruí Diáz de Gusmán,⁸ para a margem esquerda da foz do rio Corumbataí no Ivaí. Importantes conseqüências dessa mudança foram, entre outras, o esvaziamento populacional do primitivo núcleo e o deslocamento para Assunção do Paraguai, de alguns artífices, como é o caso do ferreiro Francisco Vallejos.⁹ Supõe-se, contudo, que as instalações da primeira Vila Rica passaram a ser utilizadas não somente como estalagem, mas também como centro de redução do ferro e de confecção de artefatos metálicos. Estes utilíssimos instrumentos foram de extraordinária importância no processo de conversão e relacionamento entre conquistadores e indígenas, conforme mostra a vasta literatura relativa ao Guairá.

d) Com respeito à exata posição geográfica da primeira Vila Rica, não há consenso entre os estudiosos do tema. Não obstante, os dados agora disponíveis, devidamente interpretados, permitem aventar a hipótese de que os vestígios ora encontrados possam tratar-se dos remanescentes da primitiva Vila Rica, mais tarde conhecida como o Tambo das Minas de Ferro. Realmente, o próprio fundador de Vila Rica, em documento firmado em 11 de fevereiro de 1573 diz que fundou no assento de Coaraciverá, junto às almeçadas minas de pedrarias e metais, uma povoação denominada Espírito Santo. Para a consecução desse objetivo, Melgarejo partiu de Cidade Real com 40 homens e 53 cavalos, e mais o necessário para tal empreendimento; abriu uma picada de quarenta léguas até atingir um sítio que lhe pareceu adequado, no qual traçou a cidade, construindo, além da igreja, uma fortaleza e casa forte, coberta com telhas de pinho. Por outro lado, Guzmán, em sua obra *La Argentina*,¹⁰ informa que Melgarejo, por ocasião de suas divergências com Alonso Riquelme de Gusmán, prendeu-o e desterrou-o em uma casa forte que possuía a *quarenta léguas* da Cidade Real. Acrescente-se ainda que Ramón I. Cardozo em *El Guairá* à pág. 51, informa desta maneira sobre a fundação de Vila Rica: "... fue al este de Ciudad Real; a sessenta léguas de la misma; entre las nascentes del Piquiry y del Huybay, y en el camino por donde passaram Alvar Núñez y Hernando de Trejo". Adiante, na mesma página, transcreve informação do próprio Melgarejo, que diz estar Vila Rica sessenta léguas distante da Cidade Real. Cita ainda, Cardozo, trecho do testemunho de Hernando

de Villar, de 1573, o qual por ordem de Melgarejo, realizou duas viagens pelo Rio Piquiri acima para levar socorro aos moradores da vila recém fundada. Vê-se por essas informações, de resto não coincidentes quanto às distâncias, o como é difícil localizar com absoluta segurança o verdadeiro local da fundação da Vila Rica, estribando-se unicamente na literatura disponível. Por outro lado, após o traslado de 1589, surgem as primeiras referências sobre um local denominado Tambo das Minas de Ferro. Uma dessas, publicada em *Bandeirantes no Paraguai – século XVII*, SP, 1949., p.26-9,¹¹ esclarece estar o Tambo a vinte léguas da segunda Vila Rica. Neste mesmo documento, de 1616, há uma importante referência sobre o fundamental papel desempenhado pelo Tambo na confecção de instrumentos metálicos como se pode deduzir do seguinte trecho, entre outros: “hir al tambo beynte léguas de aqui dezia hiva a hazer algumas cuñas...” e mais adiante “... hir a un asiento q. llaman El tãmo donde estan las minas de hierro..”. Quanto à iconografia, no mapa denominado “Paraquaria” vulgo Paraguay de 1647 também conhecido como “Carrafa”,¹² está assinalado, nas proximidades do rio Icatú, atual Cantú, um local identificado como Tambo. Deste local o extraordinário Pe. Antonio Ruiz de Montoya redigiu sua importante Carta Ânua de 1628, dirigida ao superior da ordem, Pe. Nicolau Durán, concluída da seguinte forma: “... deste tabo de Cuaracibere y minas del [hierr]o y julio 2 de 1628”.¹³

e) Após a análise e interpretação dos dados citados chega-se às seguintes conclusões:

1 – que, plotando-se as informações de distância já mencionadas, em mapa do Estado do Paraná,¹⁴ obteve-se um ponto, a 40,2 léguas a leste das ruínas da Cidade Real, o qual recai nas nascentes do Piquiri, no atual município de Nova Cantú, onde foram localizados os vestígios.

2 – que, também, estes ponto dista quase que exatamente 20 (vinte) léguas dos vestígios do local da segunda Vila Rica, localizados à margem esquerda dos rios Ivaí e Corumbataí, na foz deste último.

3 – que indícios de cultura material mostram que, no local, houve intensa atividade produtora de utilitários de barro e, principalmente, no que diz respeito à redução de ferro.

4 – que, esses indícios apresentam notáveis semelhanças com aqueles coletados através de controladas escavações arqueológicas na segunda Vila Rica, não somente referente às evidências cerâmicas e metálicas, mas também com relação aos aspectos urbanísticos e da técnica construtiva.

5 – que, em face dos elementos concludentes agora obtidos, bem como de fontes documentais entre as quais se incluem as referências à faina de Ruy

Díaz Melgarejo, reduzindo o ferro em Vila Rica entre 1577 e 1578 (Cardozo, 1939), pode-se aventar a hipótese de que este acontecimento tenha sido pioneiro no Continente Americano.

6 – Acrescente-se ainda, para concluir, que após o traslado da primitiva Vila Rica em 1589, é suposto que seu sítio original tenha passado a ser utilizado como hospedaria e local de trabalho com o ferro, com a denominação de “tambo de Cuaracibere” ou tambo das Minas de Ferro. Isto porque, (a) situava-se às margens do caminho do Peabirú,*** rota obrigatória, na época para Cidade Real e Assunção; (b) custa crer que os espanhóis tenham abandonado completamente aquele estabelecimento caracterizado como centro de produção e transformação de ferro; (c) e também pelo fato de documentos da época demonstrarem que aquele sítio foi amplamente utilizado como hospedaria, conhecida como o tambo, denominação comumente empregada pelos espanhóis para designar um pouso ou estalagem.

NOTAS

* Registre-se, também, a participação nas pesquisas de campo de: Igor Chmyz, Eliane Sganzerla, Henrique Schmidlin, Rosália Wal e Annelise Horstmann.

** Porto Alegre, RS; 10 a 14 de outubro de 1988.

*** PEABEYÚ – Índios comarcas del Guayra; el asiento principal de estos índios estaba en la provincia de Tayaoba (entre as cabeceiras dos rios Ivaí e Tibagi, possivelmente no atual município de Ortigueira); “el nombre de PEABEYÚ, que en el idioma guaraní quiere decir ‘por aqui pasa el camino antiguo’ (pé, *camino*, abe, *antigo*, y yú, *ir y volver*), alude á una huella, que corre por esta provincia”. Rui Díaz de Guzmán in *História argentina del descubrimiento, población y conquista de las Provincias del Rio de la Plata*; p. 83 e verbete p. XLVII de la Coleccion de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Rio de la Plata, por Pedro de Angelis; 1º vol.; 2ª ed., 1910; Buenos Aires.

1. Igor Chmyz (1986). *Arqueologia e História de Vila Espanhola Ciudad Real do Guairá. Cadernos de Arqueologia*, ano 1, Paranaguá, UFPR, PR.
2. Oldemar Blasi (1963). Aplicação do Método Arqueológico no Estudo da Estrutura Agrária de Vila Rica do Espírito Santo, Fênix, PR. *Boletim da UFPR*, D.H., nº 4, Curitiba, PR.
3. Oldemar Blasi (1971). Investigações Arqueológicas nas Ruínas da Redução Jesuítica de Santo Inácio Mini ou Ipaumbucu, PR, Brasil. *Rev. Inst. Biol. e Pesquisa Téc.*, nº 16, Curitiba.
4. Igor Chmyz e Zulmara C. Sauner (1971). Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri. *Dédalo* nº 13, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.

5. José La Pastina Filho (1988). Relatório apresentado ao Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, em sessão de 09.06.88. (manuscrito).
6. Julián Maria Rubio (1953). *Exploracion y Conquista del Rio de la Plata – Siglos XVI e XVIII*. Espanha.
7. Ramon I. Cardozo (1939). *Ruy Diaz Melgarejo – Fundador de la Ciudad de Villa Rica del Espiritu Santo*. Assunción, Paraguay.
8. La Demografia Paraguaya: Aspectos Soc. y Quant. (Séc. XVI-XVIII), vol. XIX, nº 2, 1984. Suplemento Antropológico, Universidade Católica Assuncion, Paraguay.
9. Ramon I. Cardozo (1970). *El Guairá – Hist. de la Ant. Provincia – 1554-1676*. Assunción, Paraguay.
10. Ruy Diaz de Guzmán (1943). *La Argentina*. Buenos Aires, Argentina.
11. *Bandeirantes no Paraguai – séc. XVII* (1949). Dep. Cultura, mun. de São Paulo, SP.
- 12 e 13. Jaime Cortesão (1951). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
14. Reinhard Maack (1950). *Mapa Fitogeográfico do Estado do Paraná – Esc. 1: 750.000*, Secretaria de Agr., Ind. e Com. do Paraná.

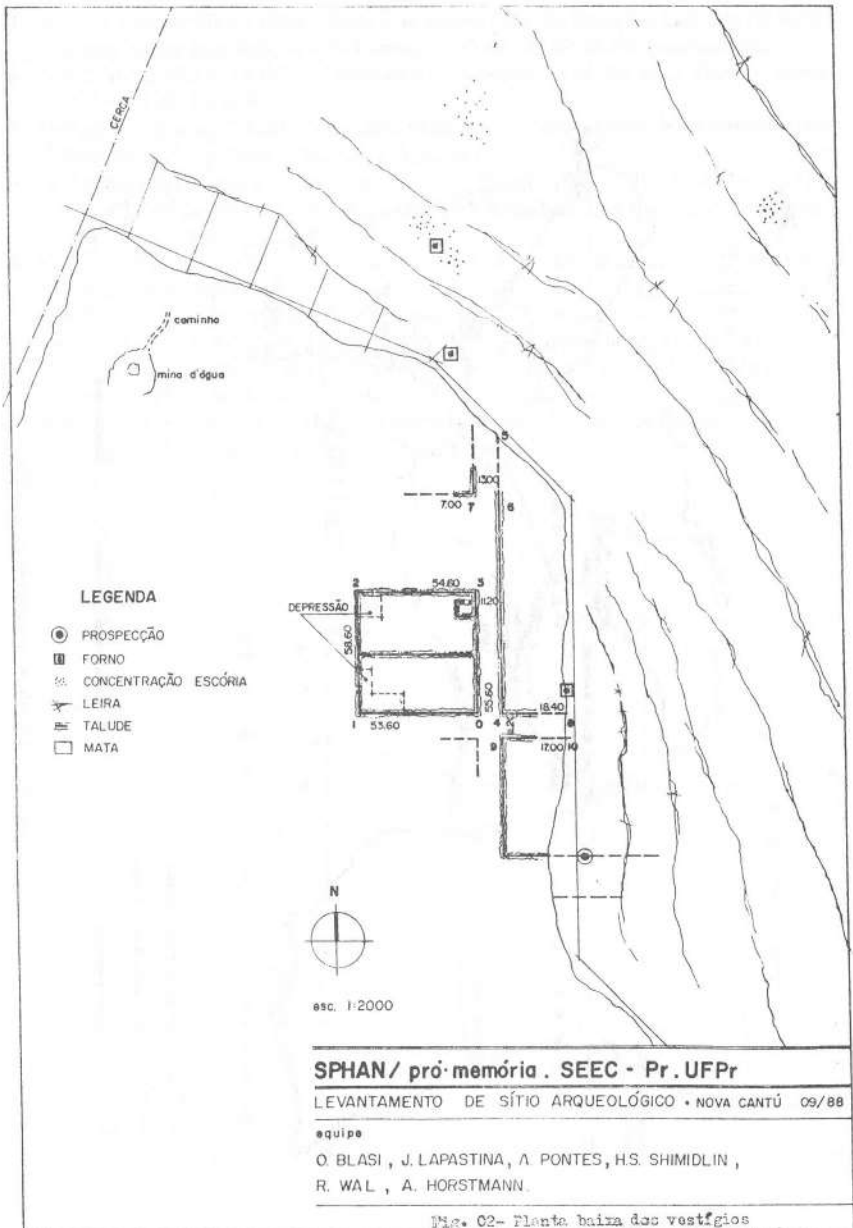


Fig. 02 Planta baixa dos vestígios

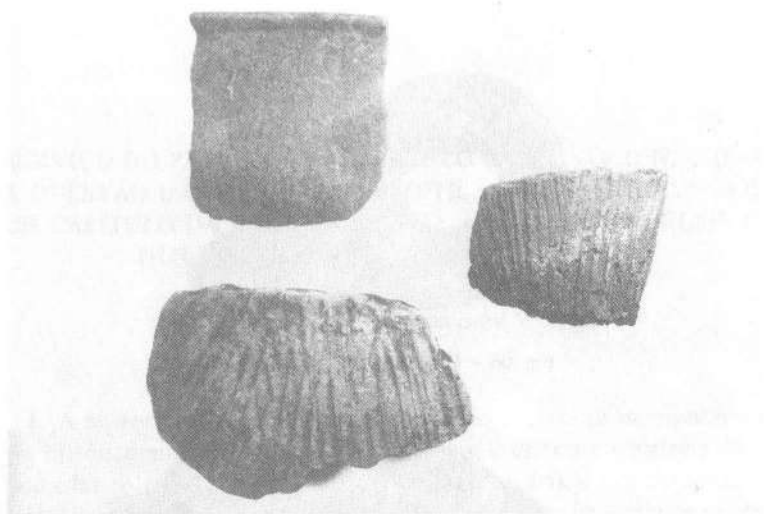


Fig. 03 – Cerâmica escovada; 1/2 t/n.

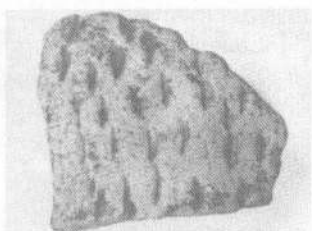


Fig. 04 – Cerâmica ungulada; 1/2 t/n.

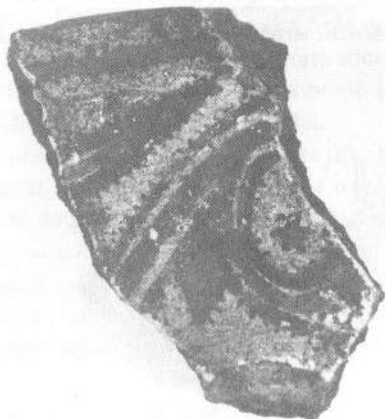


Fig. 05 – Cerâmica pintada com características européias; 1 e 1/2 t/n.

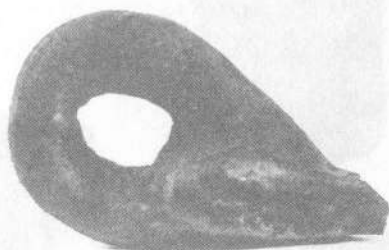


Fig. 06 – Possível alça de castiçal; t/n.

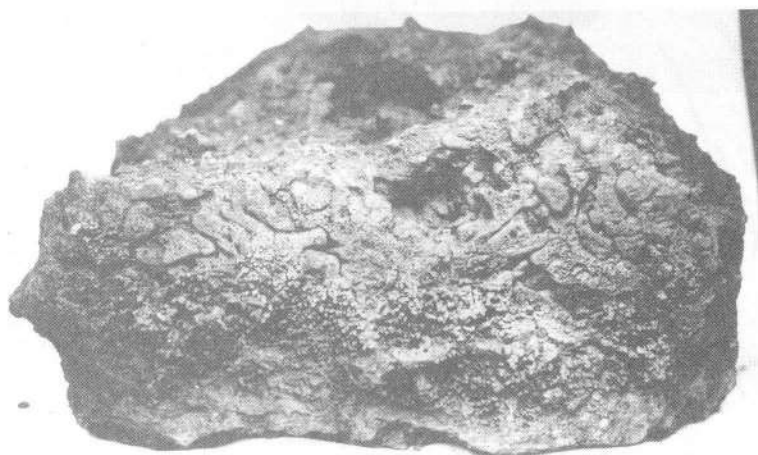


Fig. 07 – Indícios metálicos: ferro reduzido com impregnação de escória; 1/2 t/n.



Fig. 08 – Indícios de ferro já reduzido; 2/3 t/n.